

## Nietzsche: a arte como tarefa suprema

Cléberton Luiz Gomes Barboza<sup>20</sup>

O presente trabalho tem por objetivo analisar o dionisíaco como impulso artístico na obra de Friedrich Nietzsche (1844-1900). Temas como arte, vida, afirmação e tragédia se entrelaçam fundamentalmente ao dionisíaco, e não se encontram numa única obra do filósofo, de modo a serem esgotados e analisados sistematicamente na forma de um tratado. Nietzsche, como filósofo experimentalista, utilizou-se de variadas formas de linguagens para comunicar seu pensamento, distribuídas ao longo de suas obras. Assim, servir-nos-emos aqui, fundamentalmente, das obras *O Nascimento da Tragédia* (1872) e *O Caso Wagner* (1888), de modo a demonstrar o dionisíaco como instância fundamental para uma estética nietzschiana.

Nietzsche afirma em seu ensaio de autocrítica ao *O Nascimento da Tragédia*: “[...] àquela tarefa que este livro temerário ousou pela primeira vez aproximar-se – *ver a ciência com a óptica do artista, mas a arte, com a da vida...*” (NIETZSCHE, 2007, p.13, grifo do autor). Analisar a arte com a ótica da vida constitui, portanto, o objetivo fundamental de nosso trabalho. Para tanto, faz-se necessário começar pelo conceito de vida, e, nela, a situação do homem frente à existência. A relação e mesmo a correspondência arte/vida é um tema importante desde os escritos da juventude do filósofo, no entanto, para relacionar arte e vida, é preciso observar que, para Nietzsche, o fenômeno vida, em sua dinâmica própria, em seu vir-a-ser, aparece também de forma angustiante para o homem:

[...] o instante, aparecendo e desaparecendo como um relâmpago, vindo do nada e retornando a ele, volta no entanto como fantasma a perturbar a paz de um instante posterior. Uma após a outra, as folhas se soltam do registro do tempo, caem e volteiam, depois voltam repentinamente a se pôr no colo do homem. [...] Quando, enfim, a morte trazer o esquecimento desejado, ela suprimirá também o presente e a existência, selando assim esta verdade de que “ser” (*Dasein*) não é senão um ininterrupto “ter sido”, uma coisa que vive de se negar e de se consumir, de se contradizer a si própria.” (NIETZSCHE, 2005a, p. 70-71)

Tal passagem aborda o problema do tempo e tem inúmeras implicações, das quais cabe destacar, para nosso problema e ponto de partida, o sem sentido da vida. Uma vez que devir é o caráter da existência, que deságua incessantemente no nada, em que tudo é passar, em que o caráter do ser é um sendo, ou, um “ininterrupto ‘ter sido’”, a vida aparece, justamente, como um desaguar no nada, de modo que o homem que estivesse condenado a ver tudo em devir “não acreditaria mais em si, veria tudo se dissolver numa multidão de pontos móveis e deixar-se-ia arrastar por esta torrente do devir” (ibid, p. 72). A situação do homem

<sup>20</sup> Mestrando em Filosofia pela Universidade Federal de Sergipe – UFS.

no seio da existência o obriga a operar um desvio frente ao devir, precisamente porque não suporta estar lançado nele, de modo que sucumbiria não fosse a arte de maquiagem a vida e dar forma, modelar o mundo, isto é, interpretar, avaliar, dar sentido à vida. A vida, afinal, aparece fundamentalmente como sem sentido, diante do qual o homem, para firmar-se nas torrentes do devir, inventa um sentido para o mundo sem sentido. A vida exige a arte.

Nessa época, referente a *O Nascimento da Tragédia* (1872), Nietzsche entende a natureza a partir de dois princípios: o apolíneo e o dionisíaco. Apolo, deus da harmonia, da beleza, da ordem, do sonho, o mundo figurado, expresso nas artes plásticas; Dionísio, deus da desordem, desmesura, desregramento, embriaguez, o mundo não figurado, expresso na música. Os artistas, seja nas artes plásticas ou na música, seriam apenas imitadores das forças da natureza, isto é, as forças plasmadoras, criadoras, não partem do artista, este apenas responde, uma vez requisitado pelos impulsos artísticos próprios da natureza, como imitador (cf. NIETZSCHE, 2007, p. 29). Tais impulsos seriam responsáveis pela dinâmica da vida, atuando como forças plasmadoras do real.

O conceito de vida em *O Nascimento da Tragédia* cunha-se pela exposição da natureza própria à criação artística, da estrutura originária que perpassa e propicia o acontecimento da arte em geral. O texto constitui-se como uma “metafísica estética”: como uma assunção do fenômeno estético enquanto paradigma não apenas para a determinação do modo de ser da atividade artística, mas também para a determinação do modo de ser do real. (CASANOVA, 2003, p. 7)

A relação arte/vida é apresentada por Nietzsche no sentido de a vida realizar-se como força criadora, modeladora de si, e nisso mesmo consistiria o vir-a-ser no qual o homem está lançado. A relação Apolo e Dionísio é capaz de retirar, de desviar o homem das forças brutais do devir. Observando o homem grego arcaico, cuja sensibilidade para o sofrimento, exposta no pensamento de Sileno, de que a melhor coisa é não nascer, e a segunda melhor é morrer (cf. NIETZSCHE, 2007, p. 33), equipara-se a sua disposição para arte, capaz de inverter este pensamento: “A pior coisa de todas é para eles morrer logo; a segunda pior é simplesmente morrer um dia” (NIETZSCHE, 2007, p. 34), Nietzsche fará uma defesa da arte trágica como forma de afirmação da vida. “De que outra maneira poderia aquele povo tão suscetível ao sensitivo, tão impetuoso no desejo, tão singularmente apto ao *sofrimento*, suportar a existência, se esta, banhada de uma glória mais alta, não lhe fosse mostrada em suas divindades?” (idem, grifo do autor).

O impulso apolíneo trata de transfigurar o real em belas imagens, cobre de sonhos o mundo da vontade<sup>21</sup> e cria representações do mundo. Através do *principium individuationis*, o

21 O termo “vontade” é utilizado por Nietzsche, nessa época, ainda no mesmo sentido de Schopenhauer, isto é, a vontade como a núcleo, essência do mundo.

impulso apolíneo separa o homem do Uno primordial e lhe dá forma: “O mundo apolíneo da beleza é o mundo da individuação (do indivíduo, do Estado, do patriotismo), da consciência de si” (MACHADO, 2017, p. 28). No entanto, esse mundo apolíneo se opõe ao dionisíaco, precisamente porque o homem não suportaria viver essa instância da existência plenamente:

[...] é um comportamento marcado por um êxtase, um enfeitiçamento, uma extravagância de frenesi sexual que destrói a família, por uma bestialidade natural constituída de volúpia e crueldade, de força grotesca e brutal; em vez de sonho, visão onírica, é embriaguez, experiência orgiástica.

Dessa forma, o êxtase dionisíaco produz, enquanto dura, um efeito letárgico que dissipa tudo o que foi vivido no passado: é uma negação do indivíduo, da consciência, do Estado, da civilização, da história. Metamorfoseados em sátiros e silenos, seres da natureza que são protótipos do homem verdadeiro, os “loucos de Dioniso” desintegram o eu, a consciência, a individualidade e se sentem na verdadeira natureza (ibid, p. 32).

Após a experiência do êxtase dionisíaco, o homem é levado ao vazio, toma consciência das ilusões do mundo apolíneo e que o mundo verdadeiro, dos impulsos brutais, é totalmente desprovido de qualquer significado ou orientação, individuação; devolvido as forças originárias da natureza em seu devir, o homem não a suporta por muito tempo, é atravessado por essa condição trágica. No entanto, a arte trágica não consiste apenas na embriaguez dionisíaca, tampouco somente na beleza onírica apolínea, mas na simultaneidade de ambas:

Ora, se a embriaguez é o jogo da natureza com o homem, então o criar do artista dionisíaco é o jogo com a embriaguez. Este estado deixa-se conceber somente alegoricamente, se não se o experimentou por si próprio: é alguma coisa de semelhante a quando se sonha e se vislumbra o sonho como sonho. Assim, o servidor de Dioniso precisa estar embriagado e ao mesmo tempo ficar à espreita atrás de si, como observador. O caráter artístico dionisíaco não se mostra na alternância, mas sim em sua conjugação. (NIETZSCHE, 2005b, p. 9-10).

Assim, Nietzsche diferencia o dionisíaco orgiástico do dionisíaco artístico, conferindo a esse caráter de jogo com a embriaguez e simultaneidade entre Apolo e Dionísio a característica da arte trágica (cf. MACHADO, 2017, p. 36). Desse modo, os gregos afirmavam a existência artisticamente, ou seja, sem sobrepor nem rejeitar um impulso em detrimento do outro, tanto Apolo como Dionísio são abraçados e abarcados na tragédia, que, dessa forma, produzia a alegria: “A alegria metafísica com o trágico é uma transposição da sabedoria dionisíaca instintivamente inconsciente para a linguagem das imagens” (NIETZSCHE, 2007, p. 99).

Nietzsche faz um elogio da aparência, privilegia a arte no lugar da razão, elabora uma metafísica de artista, pois entende que apenas através da arte é possível uma experiência dionisíaca da vida. Opõe-se, assim, à metafísica fundada na racionalidade. Ademais, parte daí

sua crítica a Sócrates e à tradição filosófica, responsável pela supervalorização da razão e negação da dimensão dionisíaca da existência. A partir de Sócrates, a vida passa a ser algo a ser conhecido para ser corrigido, entra em jogo a interpretação moral do mundo que deu forma ao Ocidente.

Cabe destacar, no entanto, que Nietzsche, nessa época, escreve ainda influenciado por Kant, Schopenhauer e Wagner; dessa forma, Dionísio e Apolo aparecem no sentido da dualidade entre essência e aparência, coisa em-si e fenômeno, vontade e representação... Assim, Nietzsche ainda se encontrava dentro da tradição metafísica, ainda que privilegiando a aparência em lugar da essência.

No entanto, o elemento dionisíaco permanece em seus escritos da maturidade, já despojado da dualidade com o apolíneo. Dionísio, o estado de embriaguez, de transbordamento das forças, permanece crucial para afirmação da vida como arte, como afirma em *O Caso Wagner* (1888), acerca da música de Bizet: “Bizet me faz fecundo. Tudo o que é bom me faz fecundo. Não tenho outra gratidão, nem tenho outra *prova* para aquilo que é bom” (NIETZSCHE, 1999, p. 12, grifo do autor). “Bizet me faz fecundo”, Nietzsche aponta aí o transbordamento, a arte afirmativa, que torna fecunda a própria vida: “Mais ainda: eu me torno um homem melhor, quando esse Bizet me persuade. E também um músico melhor, um ouvinte melhor.” (idem).

*O Caso Wagner* aparece como indispensável para uma avaliação da arte sob a ótica da vida, uma vez que aponta as diferenças de um artista afirmador de um artista da *décadence*, isto é, entre a afirmação e negação da vida, entre o artista fruto de uma vida cuja pulsão (*trieb*) transborda e o artista fruto de uma vida empobrecida, metafísica, pessimista, niilista: o caso de Wagner. Tal perspectiva aparece para Nietzsche após *O Nascimento da Tragédia* e de sua ruptura com Wagner e, sendo assim, *O Caso Wagner*, bem como o ensaio de autocrítica a *O Nascimento da tragédia*, numa perspectiva da maturidade, passam a limpo o que tinha de problemático em sua primeira obra, escrita “sob os maus modos do wagneriano” (NIETZSCHE, 2007, p. 14), sem a maturidade de “um olhar mais velho, cem vezes mais exigente, porém de maneira alguma mais frio” (ibid, p. 13).

A partir da distinção entre uma vida afirmadora e uma *décadent*, busca-se mostrar que, além de a vida ser entendida como arte, é a vida afirmadora que constitui a experiência trágica, dionisíaca, e que Nietzsche defende tal posição diante da vida até os últimos escritos, sendo uma constante em seu pensamento, de modo a superar a negação instaurada pelo socratismo e pelo platonismo:

A psicologia do orgiástico como sentimento transbordante de vida e força, no interior do qual mesmo a dor age como estimulante, deu-me a chave para o conceito de sentimento trágico [...] O dizer Sim à vida, mesmo em seus problemas mais duros estranhos; a vontade de vida, alegrando-se da própria inesgotabilidade no *sacrifício* de seus mais elevados tipos – a isso chamei de dionisíaco [...] *ser em si mesmo* o eterno prazer do vir-a-ser – esse prazer que traz em si também o *prazer de destruir*... E com isso toco novamente no ponto do qual uma vez parti – o *Nascimento da tragédia* foi minha primeira tresvaloração de todos os valores: com isso estou de volta ao terreno em que medra meu querer, meu *saber* – eu, o último discípulo do filósofo Dionísio – eu, o mestre do eterno retorno... (NIETZSCHE, 2006, p. 106, 107)

Dionísio é, assim, a grande atmosfera da filosofia nietzschiana, a expressão máxima da vontade poder, do eterno retorno, do *amor fati* e tantos outros conceitos da maturidade, impensáveis sem a noção do dionisíaco, enquanto instância trágica da vida. Assim, esperamos demonstrar, no desenvolvimento da pesquisa, que, embora não possua uma teoria estética acabada, a afirmação trágica da existência, no pensamento de Nietzsche, constitui uma centralidade em seu pensamento, seu centro de gravidade, para usar de uma expressão do autor. Desse modo, emerge uma correspondência entre arte, vida e afirmação trágica, como um único e mesmo movimento, o Sim à vida, a alegria dionisíaca.

**Palavras-chave: Nietzsche, arte, vida, tragédia.**

## REFERÊNCIAS

- CASANOVA, Marco Antônio. **O Instante Extraordinário: vida, história e valor na obra de Friedrich Nietzsche**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.
- MACHADO, Roberto. **Nietzsche e a Verdade**. 3 ed. rev. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.
- NIETZSCHE, Friedrich. **A Visão Dionisíaca do Mundo**, e outros textos da juventude. Tradução: Marcos Sinésio Pereira Fernandes, Maria Cristina dos Santos de Souza; revisão da tradução: Marco Casanova. São Paulo: Martins Fontes, 2005c.
- \_\_\_\_\_. **Crepúsculo dos Ídolos**, ou, como se filosofa com o martelo. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- \_\_\_\_\_. **Escritos Sobre História**. Rio de Janeiro, ed. PUC-Rio, São Paulo, Loyola: 2005a.
- \_\_\_\_\_. **O Nascimento da Tragédia: ou helenismo e pessimismo**. Tradução: Jacó Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- \_\_\_\_\_. **O Caso Wagner: um problema para músicos/ Nietzsche Contra Wagner: dossiê de um psicológico**. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

